

Mesmo a tempo

De todas as provocações que o projeto AAIAW fez e continua a fazer, a minha favorita é aquela que é dirigida à administração pública portuguesa. Este projeto é um prisma e essa é a faceta que prefiro. Pedro Barreiro teve o desprante de se candidatar a um apoio público não para produzir um ou mais bens transacionáveis, produção que, de resto, reserva para si mesmo, mas com o fim de tão somente ser e, quando muito, enunciar e registar quem é. E ainda por cima “ser” assim mesmo, sem maiúscula. Ao designar a própria existência como um arco debaixo do qual existe uma série de bens artísticos a haver, e ao criar os procedimentos do inventário perpétuo desses bens futuros, mesmo sem dar a conhecer os ditos, Barreiro levou a burocracia a reconhecer o projeto como igual e merecedor. A promessa de um balancete já derrete os corações de alguns funcionários públicos; sendo eletrónico, como o programa de AAIAW, até faz reanimação cardíaca. A cupidez do sistema de apoios, interpretada por quadros e jurados, não resistiu à tentação de ter uma coleção de projetos bem catalogada.

Nesse sentido, AAIAW é bem um projeto do seu tempo, que revela o mecanismo interno da produção artística em Portugal desde o início do Séc. XX. Ao investir na arte como quem compra por atacado créditos mal-parados ou investe em opções e futuros, porque os apoios e a programação se parecem com esses investimentos, e ao furtar a qualquer escrutínio real as produções, já que a visibilidade dos projetos é muito reduzida, os apoios públicos são grandes exercícios de especulação. As próprias criações, ou peças, ou espetáculos, reproduzem esse princípio, ao adquirirem a forma de descrições, listas, programas, protocolos, isto é, carapaças e carcaças. Músculo e vísceras, nem tanto.

O trabalho do Pedro Barreiro, porém, parece não encaixar bem em nenhum dos termos convencionais para designar produtos artísticos. Obra, peça, performance, programa, dispositivo, todos sabem a pouco. Embora não se reduza certamente a isso, este trabalho é não só uma caricatura dos processos de especulação artística como uma redução do funcionamento do trabalho precário e dos dispositivos da servidão laboral em vigor no nosso país. Mais uma vez, a ação de Barreiro revela o espírito (e a letra) dos tempos. Pois não é só o artista que está sempre a trabalhar, mas toda a gente, desde operários fabris e motoristas a professores e arquitetos. Fazer serão ou direta, ter dois empregos ou acumular turnos é corrente. Do tempo em que se trabalhava de sol a sol passamos ao tempo em que se trabalha de sol a lua e da lua ao sol. É uma coincidência significativa que este projeto tenha tido origem num dos poucos Estados a proibir os patrões de importunarem os operários fora do horário de trabalho. Estou certo que o legislador acompanha o site AAIAW. Qual a outra explicação para estar tão atento e sensível ao tema?

A mimese da especulação e da precarização é feita com certa dose de ironia, já que a letra contradiz o espírito. Ser artista é de facto um trabalho ocioso, que se presta como nenhum outro ao regime neo-liberal, visto que os criadores correm por gosto e as coisas que criam valem conforme os corretores apostam. Barreiro apresenta-se não tanto como um Bartleby que recusasse pactuar com Wall Street, dizendo que prefere não até à greve de fome, mas mais como um arlequim que aceita todas as encomendas, apresenta todos os projetos, tem todas as ideias, está em todas as redes, plataformas e aplicações.

AAIAW é um jogo novo e original cujas regras simulam práticas generalizadas do nosso sistema artístico, cultural e político. Mas este jogo contém em si uma história mais antiga, datada do terceiro milénio antes da era cristã. No coração de AAIAW ecoa a fábula do pintor a quem o imperador encarrega de reproduzir o rouxinol recentemente desaparecido. O artista pede que o todo-poderoso volte dali a um ano. Passado o período solicitado, volta o imperador ao atelier e o pintor, já esquecido da encomenda, faz o desenho na hora, com tanta perfeição e detalhe que o imperador julga ouvir o pássaro cantar. Desconcertado, o monarca pergunta ao artista porque não fez ele o desenho antes, há um ano atrás, assim tão prontamente, com a facilidade que agora demonstrou. É só então que o pintor revela, debaixo do último desenho, os inúmeros esboços feitos ao longo do ano anterior. Embora possa parecer que fez o desenho mesmo a tempo, de facto esteve sempre a trabalhar. Desde 3000 AC.